

O CRÍTICO DE *ALMANAQUE*

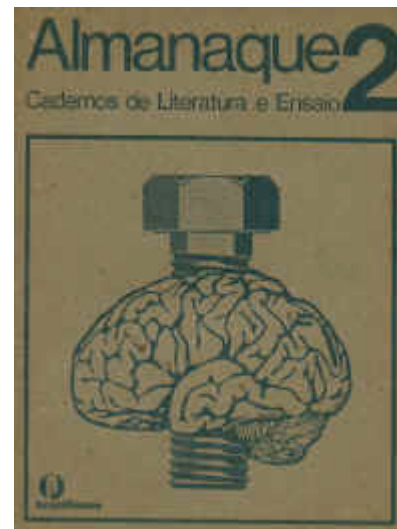
*Renata Telles*¹

O meio de ação nos faltaria absolutamente se não fosse o jornal.
(Olavo Bilac)

A crítica de rodapé estraga a melhor vocação crítica. (Afrânio
Coutinho)

O intelectual pode aspirar além da servidão estatal e pensar em
públicos não tão restritos quantos os de antes. (Lígia Chiappini e Flávio
Aguiar)

O jornal e a revista podem ser o lugar da discussão de idéias, o
lugar para o pensamento, o lugar para o pensamento opinativo. (Silviano
Santiago)



Almanaque — *cadernos de literatura e ensaio*² publica, em 1977, "A crítica da 'razão' elitista", um ataque à crítica literária brasileira desferido por dois de seus membros — Lígia Chiappini Moraes Leite e Flávio Aguiar. Centrando-se na relação literatura/imprensa, elite/massa, o manifesto exclui posições e demarca fronteiras, inserindo-se na disputa em torno da definição do lugar e da função do crítico: o que é, o que fala, para quem, de onde? Partindo de algumas pistas encontradas no texto, tento mostrar aqui como se define e se localiza o crítico de *Almanaque*³ nessa polêmica que acompanha a crítica literária, brasileira no século XX.

Capítulo 1

"A crítica da 'razão' elitista" assume a linha dialética e sociológica, numa citação crucial de Antonio Candido, marcando daí sua diferença em relação aos "elitistas". A estratégia de ataque distingue três posições na crítica literária, ou no discurso elitista: os estruturalistas, os "adesistas do encastelamento e empastelamento da

¹ Bolsista de Mestrado — CAPES.

² A editora Brasiliense publica quatorze números do periódico, de 1977 a 1982, sempre sob a coordenação de Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Jr.

³ Assumo o discurso de Lígia Chiappini e Flávio Aguiar como o de *Almanaque*, por serem os dois membros permanentes do conselho editorial e pelas relações, ainda não analisadas, que esse texto parece estabelecer com outros publicados pelo periódico.

universidade" — alvos menores, dados como já excluídos, pois não "surpreendem" nem "espantam"; e a "ala mais crítica".

Os "tecnocratas diluidores do estruturalismo" e os "encastelados", ou a posição de Affonso Romano de Sant'Anna — PUC-RJ, e Afrânio Coutinho — UFRJ respectivamente, são rejeitados pelo seu método preso ao texto, pelo jargão incompreensível e pela pretensão de neutralidade, em que "o conhecimento científico paira acima das questões sociais". Um diálogo de iniciados, de circulação restrita, um fenômeno que "acompanha a institucionalização da crítica literária".

A universidade, que se afasta da sociedade e restringe a circulação do discurso crítico, torna-se uma pista fundamental e sugere perguntas — Como se opõem a figura do crítico e a da instituição? Qual a relação entre os espaços institucionais da universidade e da imprensa e o lugar do crítico literário? — que nos levam a procurar o ponto de emergência do debate em que se insere *Almanaque*.

Capítulo 2

No início do século, o vazio institucional — ausência da universidade — era ocupado na imprensa, em expansão, pelo bacharel e as chamadas críticas de rodapé⁴, sendo a presença constante do crítico nesse espaço dos grandes jornais diários o que legitima o seu discurso.

Essa posição ocupada por Bilac, José Veríssimo, Silvio Romero, Brito Broca, Monteiro Lobato, Alvaro Lins, Carpeaux⁵, entre tantos outros, se constitui no lugar do crítico não especializado que, entre a crônica e o noticiário, escrevia em tom opinativo e generalista, formativo e informativo.

O preenchimento desse vazio institucional com o fortalecimento das universidades a partir da década de 40 cria as condições para a disputa pelo lugar ocupado, até então sem contestação, pelos críticos de rodapé. É no próprio jornal que o discurso dos críticos universitários trata de interditar os conservadores, estabelecendo novos critérios de legitimação do discurso literário. Afrânio Coutinho é direto no seu ataque, publicado na seção "Correntes Cruzadas" no "Suplemento Literário" do *Diário de Notícias*, em 1943:

⁴ SÜSSEKIND, Flora. "Sobre a crítica" In *Papéis colados*. RJ: EdUERJ, 1993.

⁵ SEVCENKO, Nicolau. "O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano" In *Almanaque* n. 14, 1982.

Confundindo crítica com rodapé — e a prova disso é que seus autores os publicam depois em livro tais como aparecem nos jornais, sem nenhuma modificação, como obras definitivas de crítica —, teremos sempre uma crítica aleatória, inconsistente, sem padrões nem guias, condicionada à impressão pessoal, às flutuações dos motivos e objetivos pessoais do autor, ao seu caráter, às circunstâncias do ambiente em que ele se move, às imposições de natureza extra literária, política ou social.⁶

Também defendendo o lugar dos críticos universitários, Antonio Candido torna clara a diferença de sua posição em relação a Afrânio Coutinho, na *Folha da Manhã* do mesmo ano:

A distinção entre os limites da crítica é uma questão (...) mais cultural que específica, i. é, depende mais da solicitação que lhe faz o ambiente do que da própria natureza do trabalho crítico.⁷

A crítica especializada define, assim, duas posições distintas: a estética, defensora da especificidade do texto artístico, e a dialética, contra o imanentismo e o recorte sincrônico⁸. Ao retomar o debate sobre o lugar do crítico e a institucionalização universitária, *Almanaque* exclui os diluidores do estruturalismo e os encastelados, e se coloca ao lado da crítica especializada sim, mas interessada na relação entre literatura e sociedade e no público leitor.

Capítulo 3

Menosprezando os discursos dados como já excluídos, *Almanaque* revela seu verdadeiro alvo de ataque, um objeto "escorregadio", "um comportamento inconsciente". Trata-se, dessa vez, de uma operação mais delicada, de uma cirurgia interna: "temos tido oportunidades frequentes de observar esse fenômeno em nós mesmos, nos colegas, nos alunos...".

O espaço de circulação do discurso do crítico literário volta novamente ao centro da disputa. Falar para públicos restritos é a "condição" do crítico, do especialista universitário no qual se inclui. A diferença é marcada em relação aos que fazem "dessa condição uma preferência":

⁶ COUTINHO, Afrânio. "A crítica e os rodapés" In *Crítica e críticos*. RJ: Simões, 1969.

⁷ Citado por SÜSSEKIND, 1993.

⁸ SOUZA, Eneida Maria de. "Os livros de cabeceira da crítica" Texto inédito apresentado no colóquio internacional DECLÍNIO DA ARTE/ASCENSÃO DA CULTURA, Florianópolis, março de 1997.

O surpreendente é descobrir o caráter antipopular da universidade confirmado e assegurado pelas alas mais críticas da intelectualidade que, contra o tecnicismo, contra a demagogia, contra o mito da neutralidade, resolvem encastelar-se no elitismo, cultuando-o e receitando-o como única forma de resistência.

A preferência pelo público restrito é desqualificada com seu próprio argumento: os elitistas acusam os que se dirigem a públicos mais amplos de fazer concessão de gosto, mas ao restringir o público, fazem concessão a um sistema já restritivo. Esse "culto ao elitismo" que estuda o cânone e ignora os textos de larga circulação, privilegia a pesquisa em detrimento das aulas, "desenraiza" as obras, e despreza o espaço da imprensa, é covarde: teme "sair do próprio privilégio, do remanso, em direção à intempérie da sobrevivência fura do círculo intelectual". Ao rejeitar dessa forma o elitismo da "ala mais crítica", a iguala aos outros já excluídos: os encastelados e os estruturalistas, que falam para poucos e desvinculam o texto do social.

As transformações por que passa o país no final da década de 70 — o surgimento da imprensa independente e das grandes massas — impossibilitam o discurso elitista. A adaptação do crítico a essas transformações passa a ser uma questão de sobrevivência, de constituição de um lugar exigido e possibilitado pelas novas condições.

Capítulo 4

Ao marcar essa diferença, ao interditar esses discursos, o que dita "A crítica da 'razão' elitista"? Ecoando o discurso de Antonio Candido, que em 1943 defendia o lugar do crítico especializado como "solicitação do ambiente", *Almanaque* esclarece seu desejo:

permanece nos intelectuais a idéia de atingir camadas maiores da população ou de falar em nome delas; o anseio de estar ao lado da História e não contra ela; a vontade de justificar a própria vida.

A defesa dessa "militância crítica", inserida no contexto ainda utópico da esquerda no final dos anos 70 e relacionada com o "apostolado social" dos nossos primeiros críticos de rodapé⁹, é definida como resposta às transformações do "ambiente": se antes o público era restrito, agora, a sociedade de massa exige que o

⁹ SEVCENKO, N. Op. cit.

crítico leve em consideração "a existência de outros padrões", "o gosto de parcela ponderável de nosso público leitor".

O início do relaxamento da censura estatal, o incipiente deslocamento do objeto de estudo do cânone para "os modos menores de ficção" — sintomaticamente o tema e o título do derradeiro número de *Almanaque* —, e a vontade de atingir um público maior colocam em crise o lugar do crítico universitário: como estabelecer o diálogo entre o crítico especializado e o público não especializado ou como recuperar o espaço perdido na imprensa a partir da institucionalização universitária?

Capítulo 5

Com a produção acadêmica¹⁰ rejeitada pelos grandes jornais, a imprensa independente e alternativa se abre como o novo espaço possível, a saída para o crítico literário consciente da contradição entre o elitismo acadêmico e a sociedade de massas, que emerge no período ditatorial. A resposta de *Almanaque* ao dilema é eloqüente:

LEIA E ASSINE *ALMANAQUE*/ MOVIMENTO/ BRASIL MULHER/ NÓS MULHERES/ OVELHA NEGRA/ COBRA DE VIDRO/ ESCRITA/ DOIS PONTOS/ VERSUS (SÃO PAULO); OPINIÃO/ PASQUIM/ FICÇÃO (RIO DE JANEIRO); LAMPIÃO/ INFORMAÇÃO/ PELEIA (PORTO ALEGRE); DEFATO (BELO HORIZONTE); DESTERRO (FLORIANÓPOLIS); CHARADA (TERESINA); O SACO (FORTALEZA) E OUTROS QUE CERTAMENTE HÁ...

Esse é o meio através do qual a "militância crítica" procura e tateia uma nova dicção e um novo objeto: a rede dos periódicos independentes que circulam em livrarias e bancas nesse período possibilita transgressões ao meio acadêmico, de onde sai a maior parte de seus colaboradores.

Capítulo 6

Almanaque permite, por exemplo, que o texto de Lígia Chiappini e Flávio Aguiar se estruture em oito capítulos, com direito a comercial, "bosta", "empastelado", epígrafe e um *post-scriptum* se desculpando pela falta de humor, cuja presença se torna fundamental para essa crítica universitária, que redige um manifesto contra seus pares ditando novos valores — "Urge fazer a crítica da 'razão' elitista!".

¹⁰ SÜSSEKIND, F. Op. cit.

A inserção do anúncio dos periódicos aponta o caminho a possíveis adeptos, e nos mostra que, nesse mesmo ano de 1977, a polêmica academia/imprensa prolifera nesse meio: o debate se desenvolve, por exemplo, em *Opinião* com a publicação de "Entre os *spots* e as academias", de Ronaldo Brito e "O refresco da cultura", de Julio César Montenegro; em *José*, que, embora não seja citada, promove o debate "José no Espelho" entre um grupo de intelectuais, que inclui Ferreira Gullar, Gastão de Holanda, Geraldo Carneiro, Jorge Wanderley, Luiz Costa Lima, Sebastião Uchôa Leite e Silviano Santiago; e também na citada *Escrita*. A questão agita o "IV Encontro Nacional de Professores de Literatura", que chega à grande imprensa no *Jornal do Brasil*, através do artigo da jornalista Norma Couri "Esses jovens mestres e suas teses maravilhosas (quem as entende?)" ¹¹.

Almanaque se posiciona no lugar de um novo crítico, que, sintonizado com o momento, procura formas de dialogar com um público mais amplo e de se inserir nas transformações sociais.

Capítulo 7

Nos anos 90, um crítico da geração de 70 recupera a questão, voltando ao ponto de emergência do debate: a institucionalização universitária. Silviano Santiago assume a posição de advogado dos rodapés, valorizando-os e acusando a universidade pela "separação litigiosa" ¹², para, a partir daí, definir um novo lugar para o crítico. Citando Antonio Candido — o mestre de *Almanaque* que desde a especialização do crítico universitário se contrapõe à desqualificação total dos rodapés — Silviano não só reivindica o estudo dessa "brilhante geração de escritores e pensadores brasileiros", como coloca a distinção entre crítico e teórico como necessária para a retomada do diálogo com a imprensa.

Capítulo 8

Se o estudo da crítica publicada nos jornais da primeira metade do século contribui para a retomada desse diálogo, ao reivindicar a "autonomia e atualidade, e até

¹¹ Citado por SOUZA, 1997.

¹² SANTIAGO, Silviano. "A crítica literária no jornal" In *Nuevo texto crítico*. V. VII. N. 14-15, julio 1994-junio 1995.

mesmo precedência, na discussão sobre pós-modernidade" ¹³, da crítica dos anos 70 e 80, Silvano Santiago nos mostra que a análise do material que circula nos periódicos da época, pode, por sua vez, contribuir para o estudo dessa mesma crítica contemporânea que busca a recuperação de um espaço perdido.

Ao defender a abertura do cânone e experimentar uma linguagem não acadêmica para atingir um público mais amplo, ao se interessar pelas minorias e pelos modos menores de ficção, ao provocar a crítica conservadora e "elitista", *Almanaque* anuncia um crítico que começa a se esboçar e que discute, já na década de 70, questões centrais do debate atual: cultura popular, gênero e cânone.

¹³ SANTIAGO, S. "Democratização no Brasil: Cultura versus Arte. Uma investigação arqueológica (1979-1981)" Texto inédito apresentado no colóquio internacional DECLÍNIO DA ARTE/ASCENSÃO DA CULTURA, Florianópolis, março de 1997.